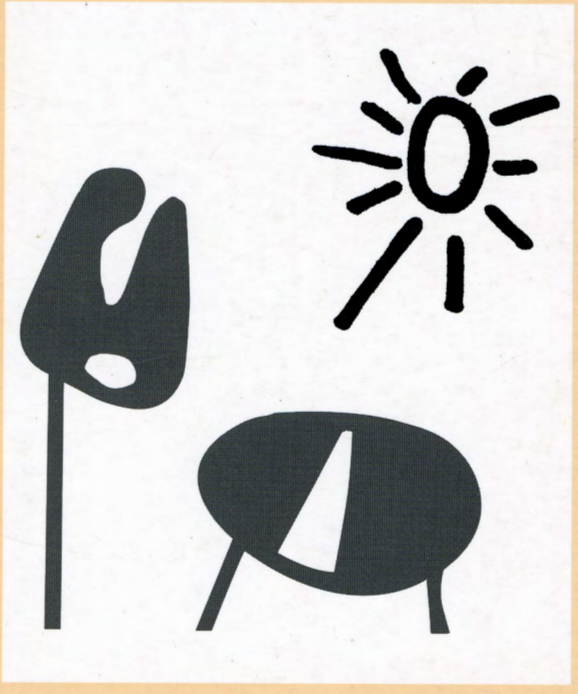
JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFL017 00075
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO

OS OUTROS

OS OUTROS. ANJOS OU DEMÓNIOS DA NOSSA EXISTÊNCIA?

Os outros, os que nos magoam até ao sangue, nos fazem beber infelicidade, nos matam pouco a pouco, aqui e além, ao roubarem-nos sonhos, ilusões, ao traírem esperanças, paixões...

Num outeiro encontram-se Rogério e Daniel. O plano físico de superioridade e isolamento destaca-os dos demais. Rogério é «um homem ferido que escolheu o suicídio lento... para sentir o sofrimento escorrer gota a gota pela espinha abaixo». Daniel não demonstra a mesma amargura. É solidário, prestável, talvez se encontre ainda ileso de feridas, ou se as tem não se deixou causticar por elas.

À semelhança de Sartre, para Rogério «o inferno são os outros». Mas se todos somos, aos olhos dos outros, o inferno, não será porque somos, a um tempo, vítimas e carrascos daqueles que, tal com nós, um dia, acreditaram na intrínseca bondade humana?

O círculo aperta-se: A frieza, a indiferença geradas pela desilução, pelo desgaste dos sentimentos e emoções torna-nos iguais aos outros, ou piores até. Será então que estamos irremediavelmente sós? Condenados à angústia de «viver sozinho! Estoirar sozinho» como acredita Rogério?

Para Jaime Salazar Sampaio a remissão existe vivificada por uma mulher, talvez porque a solidariedade humana resida mais arreigada nos seres que geram vida. Apesar de ter sido profundamente magoada, a personagem feminina – sem nome, porque mais do que uma figura ela é representação simbólica – não se deixa abater totalmente pelo desencanto. Embora sabendo que tanto o amor como a amizade «ambos têm os seus limites», ela recusa-se a «identificar o amor com o sofrimento».

Sem fazer promessas, porque sabe que nada é seguro, perene ou ilimitado, e tudo é pouco mais do que desafios, que estamos inexoravelmente sujeitos a perder, ela aposta, uma vez mais, e sempre, no jogo da vida.

Os Outros... nós... Talvez, a um tempo, demónios e anjos.

TERESA DINIZ
(1997)

OS OUTROS

PERSONAGENS

ROGÉRIO — 40 a 50 anos
DANIEL — 40 a 50 anos
RAPARIGA

A acção passa-se num outeiro. Estrada ao fundo, invisível do público. Cenário despojado. À esquerda alta uma grande mesa rectangular onde se encontram espalhados numerosos objectos de barro: cinzeiros, púcaros e assim. Duas cadeiras. Pelo chão, aqui e além, mais objectos de barro.

Em cena dois homens: Rogério e Daniel. Entre 40 e 50 anos. Podem não estar esfarrapados, é até bom que o não estejam, mas deve sentir-se o desinteresse de ambos pelo vestuário que envergam (camisolões?). Rogério terá, é essencial, certa distinção natural que ele próprio, por bravata, se encarrega de disfarçar.

Estão a pintar pequenos objectos de barro, transformando-os em «Recordações de Santiago de Cacém».

ROGÉRIO *(sentencioso)* — E, afinal de contas, os outros...

DANIEL *(interrompendo-o)* — Olha lá: como é que tu escreves S. Tiago de Cacém?

ROGÉRIO — ... Os outros, afinal de contas, o que eles querem, o que eles pretendem...

DANIEL — S. Tiago é tudo junto, ou são duas palavras?

ROGÉRIO — Tudo junto, pá... 'Inda não aprendeste? *(Retomando o tema de há pouco.)* Os outros...

DANIEL *(teimoso)* — Ná. Tenho a impressão que já vi assim escrito: esse, ponto, Tiago... *(Mostra a Rogério os cinzeiros que tem estado a pintar.)*

ROGÉRIO *(encolhendo os ombros)* — Pois sim, rala-te.

DANIEL — Esse, ponto. Apostava a cabeça.

ROGÉRIO *(tom contido mas com dureza)* — Apostavas o quê? *(Arrebata o cinzeiro das mãos de Daniel; observa demoradamente o objecto e larga-o.)* Eles é que vão à feira vender os cacos, eles é que sabem como querem que a gente os pinte. *(Tira do bolso um papel amachucado.)* Vem aqui tudo explicado na encomenda: Recordação do Santiago... vês?... do Cacém... *(Daniel manifesta, por mímica, a sua discordância.)*

ROGÉRIO — Quero lá saber que esteja errado... Quem paga são eles, calha bem... *(Retomando o seu tema favorito.)* E olha que eles não são diferentes dos outros. E os outros, já se sabe: ao menor pretexto... o que eles querem, o que eles... *(Ouve-se ao fundo o ruído de uma derrapagem, vindo da estrada, invisível do público.)*

DANIEL — Ouviste?

ROGÉRIO — ... O que eles pretendem...

DANIEL — Ouviste, Rogério?

ROGÉRIO *(enfastiado)* — Ouvi: foi uma derrapagem... Aos sábados e domingos já se sabe... é aquela conta. *(Retomando uma vez mais o seu tema.)* Os outros...

DANIEL *(sonhador)* — Deve ser bem bom ter um automóvel... Carregar no pedal, mexer nas alavancas...

ROGÉRIO *(com azedume)* — O automóvel é pròs outros, pá, tem juízo. *(Reparando que Daniel deixou de pintar.)* E trabalha, anda... dá ao dedo...

DANIEL *(pintando sem convicção)* — Um automóvel e uma casa de campo pròs fins-de-semana. *(Pausa; pára de pintar.)* Na praia, talvez... Ou na montanha... *(Volta a pintar; pausa; suspende de novo o trabalho)* Que o resto do tempo vivia na cidade... *(hesitante)* é claro... na cidade...

ROGÉRIO *(sarcástico)* — E depois? *(Daniel baixa a cabeça, sem responder.)* Vá, continua... Não faças cerimónia... *(Ignorando um esboço de reacção de Daniel.)* Um automóvel, uma casa de campo... e uma outra na cidade, já agora, um apartamento!

DANIEL — Pois era...